

## **A Etnocomunicação como premissa da Comunicação Perspectivada <sup>1</sup>**

Dina Tatiana Quintero Quintero<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

### **RESUMO**

O texto propõe reflexões sobre como algumas comunidades indígenas desenvolvem a etnocomunicação, contrastando com o modelo audiovisual ocidental. Com uma abordagem teórico-conceitual e com base na etnografia e na análise da Ororubá Filmes, coletivo audiovisual do povo Xukuru do Ororubá, identificam-se especificidades desse processo comunicacional. Propõe-se o conceito de “comunicação perspectivada”, alinhado às cosmovisões indígenas e ao pensamento decolonial latino-americano. Uma comunicação que resulta singular em sua concepção e prática, e que se torna instrumento de resistência, afirmação identitária e descolonização do imaginário.

**PALAVRAS-CHAVE:** etnocomunicação; indígena; comunicação perspectivada; cosmovisão; decolonialidade.

### **INTRODUÇÃO**

As práticas comunicacionais de povos indígenas têm ganhado visibilidade crescente nas últimas décadas, especialmente por meio de produções audiovisuais que expressam modos próprios de narrar, existir e resistir. Essas produções não representam apenas a adoção de ferramentas tecnológicas ocidentais, mas manifestam formas singulares de pensar e fazer comunicação, enraizadas em cosmovisões ancestrais, no vínculo com o território, na espiritualidade e na coletividade. Ao emergirem no campo midiático, essas narrativas não apenas disputam espaço simbólico, mas também questionam as estruturas hegemônicas da comunicação moderna e sua pretensa universalidade.

Este artigo propõe uma reflexão sobre essas formas de comunicar, a partir da análise do trabalho desenvolvido pelo coletivo Ororubá Filmes, do povo Xukuru do Ororubá, localizado no Agreste pernambucano. A pesquisa parte de uma abordagem teórico-

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado no Grupo de Pesquisa - Comunicação e Epistemologias Antirracistas e Afrodiaspóricas na Amazônia - do XXII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte - INTERCOM Norte 2025, realizado, em formato virtual, nos dias 28, 29 e 30 de maio de 2025.

<sup>2</sup> Doutoranda em Comunicação pelo programa da Universidade Federal de Pernambuco e bolsista da Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco FACEPE, e-mail: dina.tatiana.quintero@gmail.com .

conceitual em diálogo com a comunicação comunitária, etnocomunicação e o pensamento decolonial latino-americano, articulada à experiência de observação participante em contexto etnográfico. O objetivo é compreender como o audiovisual que é concebido e praticado dentro dessa comunidade, identifica elementos que se distanciam das lógicas ocidentais de produção e circulação de imagens.

Com base nesse percurso, propõe-se o conceito de comunicação perspectivada, entendido como uma forma de comunicação que se constrói a partir da visão de mundo de cada povo, tornando-se singular em sua concepção e execução. Essa prática comunicacional articula diferentes dimensões (espiritual, ancestral, política e estética) e revela-se como ferramenta de afirmação identitária, resistência cultural e descolonização da imagem e do imaginário.

## ETNOCOMUNICAÇÃO

A história da comunicação indígena na Abya Yala<sup>3</sup> é uma história de decolonização da imagem, da linguagem audiovisual e dos processos em si. A tarefa direta ou indiretamente é, de forma paulatina, dar fim ao regime de dominação audiovisual imposto pela colonização, que se moldou forçadamente com olhares, vozes e perspectivas unilaterais, e hoje, esses relatos estão sendo desconstruídos pelos próprios sujeitos representados. Esta história veio da mão de processos de conquistas de direitos e do espaço comunicacional que foram e seguem sendo realizados de forma gradual, com episódios baseados em lutas populares, em resistência, para a manutenção e em resiliência diante das adversidades para evitar retrocessos.

Esse tipo de comunicação tem possibilidade de acontecer e alcançar seus objetivos a partir dos processos étnicos singulares de cada povo, processos que se fundam desde a categoria da *etnicidade*. Gersem Baniwa (2006) compreende essa categoria de etnicidade como um processo histórico e socialmente construído, que envolve a afirmação da identidade coletiva indígena em diálogo com a memória ancestral, os valores culturais próprios e as relações com a sociedade envolvente. Para o autor, a etnicidade indígena não se restringe a traços culturais fixos, mas se manifesta na capacidade dos povos indígenas de se reconhecerem e se fazerem reconhecer como sujeitos coletivos

---

<sup>3</sup> *Aby Ayala* é uma expressão do povo Guna (ou Kuna), um dos povos indígenas do Panamá/Colômbia, que significa “Terra Viva” ou “Terra Madura” e é usada para se referir ao continente americano como um todo.

diferenciados, especialmente no contexto de suas lutas por direitos territoriais, linguísticos, educacionais e políticos. Assim, a etnicidade é compreendida como uma construção dinâmica, marcada por estratégias de resistência, reafirmação identitária e busca por autonomia diante das estruturas hegemônicas e colonizadoras do Estado e da sociedade nacional.

O conceito de etnocomunicação como aplicado pelos pesquisadores Bryan da Costa e Vilso Santi, demarca os “princípios gerais da etnocomunicação praticada pelo Movimento dos Povos Indígenas por meio de três pilares: a) Etnicidade como componente essencial; b) Territorialidade como elemento regulador; e c) Reconhecimento como fim.” (2019, p.16).

A etnocomunicação, nessa perspectiva, apresenta-se como alicerce do processo de construção, não só de uma identidade, mas de uma matriz identificação compartilhada, baseada em tradições culturais preexistentes ou (re)construídas – fundamentais para sustentar as ações coletivas. A comunicação praticada pelos Povos Indígenas e seu Movimento é, portanto, filosoficamente orientada, geograficamente localizada e politicamente útil – para o estabelecimento de um novo indivíduo, disposto a demonstrar-se como índio e ser reconhecido como tal. (Costa; Santi, 2019, p.16).

É a partir dessa delimitação de etnocomunicação que me permito a aplicação da ideia de *comunicação perspectivada*.

## **COMUNICAÇÃO PERSPECTIVADA**

Na natureza das relações sociais pós-colonização, em especial das relações de produção, a superestrutura que designa o imaginário coletivo, o assim chamado senso comum, das organizações sociais vigentes, se concretiza a partir de contratos impostos pelos interesses das classes dominantes sobre as classes subalternizadas. O capitalismo, herança do colonialismo europeu, estabeleceu dinâmicas de exploração predatórias da natureza e do próprio homem. Séculos de um sistema de cíclicas crises e uma insustentável indústria de exploração de recursos emerge a necessidade, cada vez mais urgente, de repensar os paradigmas de desenvolvimento, necessidade que continua sendo adiada pelas grandes potências burguesas que se beneficiam desses abusos.

Em meio às crises sociais e climáticas da contemporaneidade, marcadas por conflitos por recursos escassos e exploração irresponsável, torna-se impossível ignorar a voz dos povos originários, especialmente na América Latina, e sua demanda por respeito

à natureza. O Brasil é marcado por ampla diversidade étnica, cultural e linguística: são mais de 305 povos indígenas e 274 línguas, segundo o IBGE. Essa pluralidade expressa não apenas riqueza cultural, mas também modos diversos e complexos de conhecer e interpretar o mundo. Suas cosmovisões não se homogeneízam, mas compartilham elementos preservados por meio da história de luta, resistência e do respeito à natureza como ente sagrado, a etnogênese.

As cosmovisões indígenas se distinguem por não nutrir em seu íntimo, essas ideologias coloniais que tem seu germe na europa moderna. A modernidade ficou marcada por uma noção de ética tão fundamentalmente centrada em uma racionalidade focada no “eu” que pouco se preocupou na relação que esse “eu egoico” estabelece com o outro. Esses elementos que constituem as diferentes cosmovisões das nações indígenas são uma linguagem de solidariedade entre os povos e a natureza, o sujeito humano é apenas mais um elemento que compõe a terra enquanto um grande organismo vivo.

Esse conjunto de elementos que são indissociáveis dessas cosmovisões, se manifestam nos mais diversos âmbitos da vida cotidiana desses povos, são perspectivas que atravessam toda tomada de decisão em plano objetivo e subjetivo; material e espiritual; econômico e político; filosófico e social; e, que é caro a este trabalho, o comunicativo. É a expressão maior de seus modelos de “envolvimento” (Krenak, 2020)<sup>4</sup> em intrínseca convergência com a natureza. Modelo sustentável.

Nesse sentido se constrói a comunicação perspectivada, a constatação de que essas mesmas cosmovisões dos diferentes povos, não se dissociam de seus modelos de produção audiovisual e das diversas manifestações desses elementos no seu fazer comunicativo. Todo o processo de tomada de decisões para produzir imagens e sons é atravessado por essas perspectivas. Padrões gestados a partir disso são considerados inviáveis ou mesmo impensáveis para o audiovisual praticado pelas mídias que adotam o padrão ocidentalizado de produção audiovisual.

As reflexões que deram espaço para falar em comunicação perspectivada, surgem no desenvolvimento do campo da etnografia feita para a pesquisa desenvolvida entre 2021 e 2023, em conjunto com a Ororubá Filmes, coletivo audiovisual do povo indígena Xukuru do Ororubá, e que procuravam entender os processos que a comunicação

---

<sup>4</sup> Na ótica de Ailton krenak para o conceito de desenvolvimento, - (des) envolver, é afastar as pessoas dos valores naturais, fazer com que percebam as vantagens econômicas em tudo que está à sua volta. Lutar pelo envolvimento das pessoas com seu entorno é a forma mais eficiente de preservação.

desenvolvida por este veículo comunicacional causava na mesma comunidade. A observação participativa como método correlato utilizado no decorrer dessa etnografia, nos permitiu presenciar situações específicas do povo no processo de produção de imagens e sons para determinados objetivos, dentre isso, uma prática que estaria atravessada diretamente pela cultura do povo, com traços que no momento foram identificados como religiosos, espirituais e sagrados.

No detalhamento metodológico do estudo de campo da pesquisa realizada por Quintero, no texto, podemos encontrar o método correlato de observação, e nele a descrição do ritual, “onde tem-se o hábito, por respeito, nos inícios de qualquer atividade que plasme sua espiritualidade, seja ela escrita, sonora ou visual, pedir força e bons direcionamentos a Pai Tupã e Mãe Tamaín, protetora dos Xukuru, além dos encantados<sup>5</sup>.” (Quintero, p. 43). Ao presenciar essa situação específica do povo Xukuru no processo de produção das suas imagens e sons, contatamos uma prática que estaria atravessada diretamente pela cultura do povo, com traços que identificamos como religiosos, espirituais e sagrados.

Um outro exemplo é trazido por João Paulo Lima Barreto (2023), antropólogo indígena do povo Yepamahsã (Tukano), que discute a relação entre humanos e peixes na cosmologia tukano. Ele apresenta o conceito de *wai-mahsã*, os “humanos invisíveis” que habitam ambientes naturais como rios e lagos, sendo os verdadeiros donos dos peixes e dos territórios aquáticos. Para os Tukano, os peixes (*wai*) não são apenas alimento, mas entidades com as quais se mantêm relações sociais e espirituais. Desse modo, qualquer registro audiovisual que seja feito na águas, precisa ser feito com extremo respeito, cuidado e atenção.

Essas experiências apontam para a necessidade de rever os paradigmas ocidentais. Como afirma Mingo (2016), o surgimento de culturas audiovisuais não ocidentais oferece uma oportunidade única para desconstruir o olhar hegemônico e promover reorientações epistemológicas no trato com materiais audiovisuais. A noção de comunicação perspectivada surge, então, como uma proposta enraizada nas cosmovisões indígenas, uma forma única de pensar, produzir e exibir audiovisual, baseada em estruturas simbólicas e socioculturais que desafiam as lógicas tradicionais.

---

<sup>5</sup> Espíritos sagrados que habitam na mata e cuidam do território sagrado. Toda pessoa que morre, encanta e volta ao território a brindar força aos irmãos.

Essa formulação se aproxima da ideia de elaborar uma epistemologia própria, alinhada à história e às necessidades de cada povo, como propõem os pensadores decoloniais latino-americanos. O objetivo ao circular essa proposta é justamente instigar o pensamento crítico, possibilitando que ela se desenvolva no encontro entre diferentes visões de mundo.

## REFERÊNCIAS

COSTA, Bryan Chrystian; SANTI, Junior Vilso. COMUNICAR PARA MOBILIZAR: as práticas etnocomunicativas do Conselho Indígena de Roraima. In: **XXVIII Encontro Anual da Compós**. Anais [...]. Rio Grande do Sul, 2019.

BANIWA, G. L. dos S. **O Índio Brasileiro**: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Brasília: MEC/SECADI, 2006.

BARRETO, J. P. L. **Waimahã: peixes e humanos**. Manaus: Editora Valer; Universidade Federal do Amazonas – UFAM, 2023.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MINGO, E. G. Imágenes y sonidos del Wall Mapu. El proyecto de descolonización del universo visual y sonoro del Pueblo Mapuche. **EMPIRIA. Revista de Metodología de Ciencias Sociales**, [S.l], n. 35, p. 125-151, septiembre – diciembre, 2016.

PERUZZO, C. M. Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados e as reelaborações no setor. **ECO-pós**, [S.l], v. 12, n.2, p. 46-61, maio/agosto, 2009a.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad y modernidade/racionalidade. **Perú Indíg**, v. 13, n 19, p.11-20, 1992. Disponível em: <https://www.lavaca.org/wp-content/uploads/2016/04/quijano.pdf>. Acesso em: 4 jun. 2024.

QUIJANO, Aníbal. **Cuestiones y horizontes**: de la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonización del poder. 1. ed. Buenos Aires: CLACSO, 2020; Lima: UNMSM, 2020.

QUINTERO, D. T. **Comunicação comunitária indígena**: a Ororubá Filmes como um processo decolonial. 2023. Dissertação de mestrado (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/52116> . Acesso em: 17 nov. 2024

VILLANUEVA, E. R. T. Para uma comunicação ex-cêntrica. **MATRIZES**, São Paulo, p.89-107, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/159957>. Acesso em: 4.jun.2024.